

CRISE POLÍTICA DO RIO DE JANEIRO A BRASÍLIA: VERBOVISUALIDADE E PATEMIZAÇÃO EM CAPAS DO JORNAL *MEIA HORA*

Rafael Guimarães Nogueira

*Orientadora: Profa. Dra. Rosane Santos Mauro
Monnerat*

Doutorando

RESUMO: Propomos a descrição, em manchetes do jornal popular *Meia Hora*, de recursos verbovisuais empregados na *patemização*, isto é, no processo discursivo de suscitar possíveis efeitos emocionais no interlocutor (cf. CHARAUDEAU, 2007; MONNERAT, 2013). Para tal, selecionamos como *corpus* duas manchetes políticas: uma publicada em novembro de 2016; outra, em maio de 2017. No que concerne às justificativas para esse recorte metodológico, destacamos, quanto à seleção do *corpus*, a grande circulação social e a expressividade do jornal *Meia Hora* e, quanto ao tema, a potencialidade patêmica dessas manchetes que tratam de crimes praticados por governantes e, até mesmo, da (des)crença na própria representatividade democrática. Tendo em vista a variedade de estudos em Análise do Discurso, optamos pela perspectiva da Teoria Semiolinguística, que abarca todo o ato de linguagem, considerando não só aspectos sócio-históricos que o subjazem como também as identidades das instâncias de produção e de recepção. Nesse sentido, Charaudeau (2006) explicita que as manchetes, principalmente nos jornais populares, exploram diversos efeitos patêmicos, estruturados não só por elementos linguísticos como também por elementos imagéticos. Configuram-se, portanto, como um gênero multimodal, cujo sentido é construído na articulação das parcelas verbais e visuais. Isso posto, dado o caráter interdisciplinar dos estudos semiolinguísticos, reunimos, nesta pesquisa, contribuições do Jornalismo, da Linguística Textual, da Semiótica Pierciana e, obviamente, da Análise Semiolinguística do Discurso para que – em uma análise qualitativa das formas referenciais nominais, das cores e das imagens – sejam investigadas estratégias de patemização. Dentre os resultados, constatamos o uso recorrente de metáforas visuais, por meio das quais o jornal não só adapta/simplifica os fatos que noticia como também os avalia.

PALAVRAS-CHAVE: Verbovisualidade, Patemização, Captação, Semiolinguística.

Em tempos de crise...

[...] são múltiplos os entrelaçamentos entre a política e os discursos públicos em disputa. Por sua posição na seleção e difusão destes discursos, os meios de comunicação de massa são atores centrais de todo o processo. Eles apresentam a si mesmos como portadores de fragmentos lídimos da realidade, mas seu produto não é exterior aos conflitos que relata. (BIROLI & MIGUEL, 2017, p. 210)

A citação em tela – constituinte de recente publicação sobre a influência midiática na formação da opinião pública – ressalta o fato de os meios de comunicação refletirem, obrigatoriamente, ideologias, oferecendo a seu público-leitor uma visão particular (e em nada “neutra”) dos temas a que se referem. Silenciando discurso, enfatizando outros e, sobremaneira, manipulando linguagens, as mídias moldam a forma como a realidade é interpretada e avaliada.

Atrelado a isso, sublinha-se a lógica comercial dos veículos de comunicação. Para seduzir massas e sobreviver à concorrência, o discurso midiático tensiona-se em duas visadas – de *informação* e de *captação* –, buscando reforçar seu *status* de credibilidade e, ao mesmo tempo, explorar efeitos de dramatização da informação, a fim de criar identificação com o leitor e nele despertar sentimentos.

Nesse sentido, esta pesquisa, sob o arcabouço teórico da Análise Semiolinguística do Discurso, objetiva investigar como, em manchetes políticas do jornal popular *Meia Hora de Notícias*, o uso de formas referenciais e de signos imagéticos contribui para a construção de efeitos patêmicos que podem promover a captação do público-leitor.

Tendo em vista que, especialmente nas manchetes dos jornais populares, o sentido das formas verbais e, conseqüentemente, suas potencialidades patêmicas são ampliados numa relação de complementariedade com os diferentes recursos imagéticos (como as cores e as imagens/fotografias), buscaremos analisar como a verbovisualidade pode construir imagens para os objetos de discurso de que tratam as manchetes e, assim, despertar emoções, que contribuem para a captação do público-leitor.

A Semiolinguística: um espaço *aberto* e *interdisciplinar* para o estudo do Discurso

Na perspectiva da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, o sentido é uma construção intersubjetiva. A partir de uma *situação de comunicação* concreta, os parceiros do *ato discursivo*, determinados por suas *identidades* e por um *contrato de comunicação*, manipulam a linguagem (os *meios linguísticos e discursivos*) a fim atingir seus propósitos discursivos (cf. CHARAUDEAU, 2005). Há, pois, uma interdependência entre os componentes verbais e situacionais.

Se tanto as *identidades* dos atores discursivos como os papéis que devem representar são determinados pelo contrato de comunicação subjacente ao discurso, cada troca languageira é determinada por uma *visada*: “uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e por conseguinte da própria troca languageira” (cf. CHARAUDEAU, 2004).

Considerando, de um lado, a intenção e a posição do *enunciador* na relação de força que o liga ao *tu* e, de outro, a posição que o enunciatário deve ocupar, Charaudeau (2006) explicita que as manchetes, como parte do contrato midiático, buscam não só *informar*, reportando os principais fatos de que tratam as notícias da publicação, como também *captar*, incitando os leitores a comprarem o jornal e, paralelamente, a assumirem o ponto de vista veiculado pelo periódico. Nesse sentido, os estudos semiolinguísticos servem-se das contribuições de outras disciplinas, como as que apresentaremos, resumidamente, nas seções que se seguem.

As formas de referenciação no processo de Semiotização do mundo

Na exploração das expressões verbais, Mondada & Dubois (2003) descrevem, sob a perspectiva teórica da Linguística Textual, a multifuncionalidade das estratégias de referenciação, apresentando uma importante contribuição à Análise do Discurso. Destacam que as cadeias correferenciais, além de contribuírem para a progressão referencial e a manutenção tópica, apontam categorizações sobre os objetos de discurso, as quais evidenciam a orientação argumentativa do enunciador.

Compreende-se que os sujeitos publicam, em práticas interacionais, versões sobre o mundo, partilhando conhecimentos e co-construindo significações. Se o mundo é acessado pelo discurso, é deste que se parte para compreender e atuar sobre aquele. Na utilização de formas simbólicas, como as expressões linguísticas, manipula-se a percepção do real, construindo, sociocognitivamente, os objetos de discurso, que, na

dinâmica textual, configuram-se pelos processos de introdução e de manutenção referencial.

Tal processo textual-discursivo dialoga, pois, com a descrição, na Análise do Discurso de Charaudeau, do processo de *semiotização do mundo*. Segundo o autor (2005), no processo de *transformação*, “o mundo a significar” passa a ser um “mundo significado” por meio da *nomeação*, da *qualificação*, da *ação* e da *causação*. Se, somente pela linguagem, há a percepção dos seres do mundo (nomeação) e de suas propriedades (qualificação), compreendemos que a referenciação é uma atividade discursiva estratégica, na qual o sujeito enunciador realiza escolhas significativas de acordo com seu projeto de discurso, apontando caminhos para a concretização da sua proposta de sentido.

Logo, a referenciação não só colabora para a organização do texto, nos laços coesivos que estrutura, como também representa uma estratégia de persuasão, por meio da qual se constroem representações para os objetos de discurso e mesmo para os sujeitos do ato de linguagem.

A constituição dos signos (imagéticos)

Na análise das formas imagéticas, Santaella (2002), retomando a descrição triádica do signo proposta por Pierce – i) o significante; ii) o objeto; e iii) o interpretante –, explicita os fundamentos do signo – i) a propriedade; ii) a existência em relação a outros signos; e iii) a lei – e, dessa forma, propõe um percurso metodológico para a análise semiótica, constituído por: i) uma atitude contemplativa, ii) uma discriminatória e, por fim, iii) uma generalista.

Se, na gênese da Linguística como ciência autônoma, Saussure, dentre suas dicotomias, postulou que o signo linguístico é constituído, de um lado, pelo *significante* (a imagem acústica; não o som material, mas a impressão psíquica desse som) e, de outro, pelo *significado* (o conceito, isto é, a representação mental de um objeto ou de uma realidade social) – Pierce (1995; *apud* SANTAELLA, 2002, p. 08), por sua vez, não se limitando ao estudo do sistema linguístico, concebe o *signo* como “qualquer coisa de qualquer espécie [...] que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo”.

Mas, se qualquer coisa que está no lugar de outra pode ser um signo, quais são as propriedades constitutivas dos signos? De acordo com Pierce (1995; *apud* SANTAELLA, 2002, p. 12), as propriedades fundamentais aos signos – as quais se relacionam, diretamente, às três categorias fenomenológicas de primeridade (possibilidade/sentimento), secundidade (dependência/dualidade) e terceridade (generalidade/continuidade) – são: i) sua qualidade, ii) sua existência e iii) seu caráter de lei.

Numa tentativa de síntese, agrupamos, na tabela que se segue, tais conceitos:

FUNDAMENTOS DO SIGNO			
“tipo de propriedade que uma coisa tem que pode habilitá-la a representar algo que está fora dela e produzir um efeito em uma mente interpretadora” (SANTAELLA, 2002, p.32)			
	Quali-signo	Sin-signo	Legi-signo
Quais as propriedades formais do signo?	Qualidades/traços constitutivos (similaridade)	Existência: lugar no tempo e no espaço (singularidade)	Lei: convenção social e cultural (generalidade)
Qual sua relação com os objetos?	Ícone (caráter descritivo: aponta as qualidades do objeto)	Índice (caráter designativo: individualiza o objeto)	Símbolo (caráter copulante: expressa relações lógicas)
Que interpretantes dinâmicos mais comumente provocam?	Emocional (referente a sentimentos)	Energético (referente a ações físicas e mentais)	Lógico (referentes a regras interpretativas internalizadas pelo intérprete)

Tabela 1: Sistematização dos fundamentos do signo (cf. SANTAELLA, 2002)

Não obstante essa diferenciação dos signos, Santaella (*op. cit.*, p. 32) sublinha que “quali-sin-legi-signos, os três fundamentos dos signos, são, na realidade, três aspectos inseparáveis que as coisas exibem, aspectos esses ou propriedades que permitem que elas funcionem como signos.”.

Tendo apresentado, na seção anterior, o processo de referenciação e, nesta, o fenômeno do signo e a proposta metodológica de análise concernente à teoria de Pierce, trataremos, na seção seguinte, do fenômeno discursivo da patemização, que se constrói por categorias linguísticas e imagéticas.

As emoções à luz da Semiologia

Considerando a articulação dos elementos verbais e visuais como uma estratégia midiática, Charaudeau (2007) define a *patemização* como o conjunto das prováveis emoções despertadas no enunciatário a partir do discurso e da imagem do enunciador. Propõe, dessa maneira, uma sistematização das *tópicas patêmicas* (ou *patemias*).

Revisitando a tríade aristotélica, Charaudeau (2007) adotada o termo *patemização* para se referir ao processo discursivo de suscitar efeitos emocionais no interlocutor – mais especificamente, no TU-interpretante. No entanto, como explica Monnerat (2013, p. 05), os efeitos patêmicos não são necessariamente os sentimentos efetivos, mas os potenciais. Logo, o estudo da patemização consiste em investigar as emoções das quais a linguagem pode ser portadora, ou seja, os efeitos visados e potenciais de um ato de linguagem.

Partindo do pressuposto de que os estados patêmicos são desencadeados não só pela percepção de um actante-objeto (pessoa ou situação; portanto, exterior ao sujeito) como também pelo comportamento do sujeito frente a esse actante, Charaudeau (2007) propõe quatro grandes tópicos, que, em seus polos negativo e positivo – DOR x ALEGRIA, ANGÚSTIA x ESPERANÇA, ANTIPATIA x SIMPATIA, REPULSA x ATRAÇÃO –, seriam constituídas por diferentes figuras (ou *patemias*).

A partir da compreensão do processo de referenciação, da constituição dos signos imagéticos e da patemização, passamos, na seção seguinte, à análise das manchetes selecionadas.

Análise das manchetes políticas

Esta seção consiste na análise qualitativa do *corpus*. A fim de observar como certos recursos verbais e visuais contribuem para a construção de possíveis efeitos patêmicos, selecionamos duas manchetes jornalísticas retiradas do jornal popular *Meia Hora*: a primeira, de 18 de novembro de 2016, aborda a investigação da Polícia Federal sobre as propinas milionárias recebidas, em forma de “mesadas”, pelo ex-governador Sérgio Cabral; a segunda, publicada em 19 de Maio de 2017, trata da delação em que Joesley Batista, apresentando a gravação de um diálogo junto ao presidente, acusa Temer de consentir o pagamento de propina a juízes e ao deputado Eduardo Cunha.

A fim de sistematizarmos a apreciação crítica do *corpus*, destacamos as seguintes etapas de análise para cada uma das manchetes: i) identificação e

interpretação das expressões nominais de referência e das expressões visuais (especificamente, as cores e as imagens/fotografias), tendo em vista não só a função desses signos na organização textual como também suas potencialidades patêmicas; ii) descrição da relação entre as parcelas verbais e visuais no que se refere, principalmente, à construção/expressão de avaliações subjetivas da instância de produção; e iii) indicação dos possíveis efeitos patêmicos gerados por meio dessas formas verbovisuais. Dito isso, iniciemos a análise das manchetes.

Manchete 1:

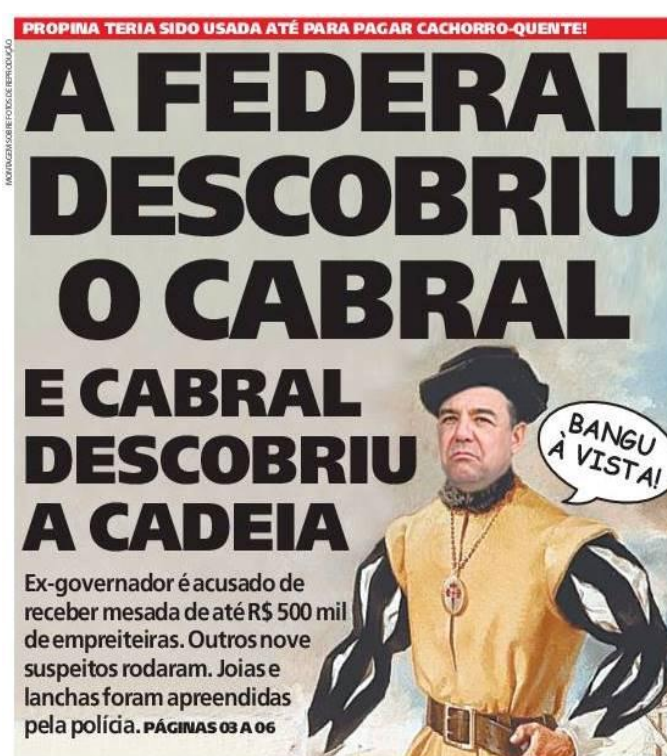


Figura 1: Manchete do jornal *Meia Hora* de 18 de novembro de 2016

i) Identificação e interpretação das formas nominais referenciais e dos signos imagéticos:

Quanto às formas nominais referenciais:

No título da manchete, são introduzidos dois objetos de discurso: “Federal” e “Cabral”. Na oração seguinte, “Cabral” é retomado por uma expressão idêntica. Mais que a repetição de uma forma referencial, há um paralelismo sintático entre as duas orações, que se estruturam a partir do verbo “descobriu” e apresentam uma relação de causalidade. Tais escolhas linguísticas, como aprofundaremos a seguir, contribuem para

uma construção metafórica acerca da imagem de Sérgio Cabral. Já no subtítulo (ou lide), “Cabral” é retomado por “ex-governador”, expressão que ancora a anáfora indireta (cf. MARCUSCHI, 2005) “outros nove suspeitos”; e “Federal” é retomado por “a polícia”.

Quanto aos signos imagéticos:

No que concerne às cores, destacamos o evidente predomínio do preto (nas fontes que estruturam o título e o subtítulo) e do cinza (que recobre quase todo o fundo da manchete). Quanto ao caráter simbólico, a primeira cor evoca, tradicionalmente, o poder e a sobriedade e, dada sua constituição biofísica, é caracterizada como “não cor”, apontando ausência de vibração/estaticidade. Paralelamente, a segunda cor pode transmitir “morbidez”, pois algo que “se tornou cinzento” inspira, no mínimo, ausência de vigor. Tais convenções acerca das cores podem reforçar, na manchete em análise, a sugestão de que, desde o “Descobrimento do Brasil”, mantém-se a exploração do povo em função dos privilégios dos governantes.

Tal comparação implícita é instaurada, principalmente, por meio da metáfora visual concernente à figura de Sérgio Cabral. Em uma montagem fotográfica, em que duas proposições imagéticas individuais se sobrepõem/justapõem, atribuem-se ao ex-governador roupas e acessórios (como boina, cordão e cinto) semelhantes àqueles utilizados pelos colonizadores do século XVI. Gera-se, desse modo, uma aproximação entre o político brasileiro e o navegador português Pedro Álvares Cabral – ancorada também pela expressão “Bangu à vista!”. Esse enunciado, num movimento intertextual e paródico, recupera a frase que teria sido dita pelo colonizador português ao chegar às terras brasileiras e, ao mesmo tempo, aponta o possível destino de Cabral: o complexo penitenciário de Bangu. A fotografia, quanto ao plano, destaca, em *plano próximo*, a figura de Cabral-colonizador, que, em seu semblante, sugere preocupação ou mesmo angústia. Ademais, a cor cinza (ao fundo), como possível representação de uma nuvem, a cor azul, representação do céu, e o desenho de uma embarcação (no canto inferior direito) contribuiriam para o enquadramento dessa metáfora visual no contexto da expansão marítima, visto que recuperam, em nosso repertório imagético, pinturas sobre as navegações europeias do século XVI.

Mas, se em uma construção metafórica, há a interseção de apenas alguns traços comuns, quais seriam aqueles evocados na manchete em análise? Se, na parcela verbal,

destaca-se a acusação de Sérgio Cabral ter recebido milhões em propinas, ativa-se, na construção imagética, a representação social dos colonos como “exploradores”. Nesse sentido, observam-se os processos de *ancoragem* e *objetificação* (cf. MOSCOVICI, 2007). De um lado, ancorar é relacionar ideias novas a “um contexto familiar”, isto é, a categorias já conhecidas pelo interlocutor. Tal procedimento linguístico-cognitivo possui, portanto, significativa força argumentativa, uma vez que “No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é (re)ajustado para que se enquadre nela” e “Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a ideia.” (MOSCOVICI, *op. cit.*, p. 61; 63). Tal (re)categorização referencial não é, portanto, simples meio de rotular referentes textuais, mas uma forma de “facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões.” (MOSCOVICI, 2007, p. 70).

De outro lado, objetificar é transformar algo abstrato (como os traços comuns entre Sérgio Cabral e Pedro Álvares Cabral) em algo concreto, transferindo a categorização (que está na mente) em algo materializado (no mundo físico): “as coisas que o olho da mente percebe parecem estar diante de nossos olhos físicos e um ente imaginário começa a assumir a realidade de algo visto, algo tangível.” (MOSCOVICI, *op. cit.*, p. 61). Desse modo, nessa manchete, a objetivação une a ideia de não-familiaridade (a comparação/categorização do ex-governador) com a de realidade, tornando-se a “verdadeira essência da realidade”; ao mesmo tempo, atribui à montagem fotográfica caráter simbólico, por meio do qual a (re)categorização cognitiva é representado imagetivamente.

Sobre essa forma de a sociedade representar e revelar a si mesma, Charaudeau (2008), partindo do pressuposto de que a linguagem é fundadora de sistemas de valor, assume a perspectiva discursiva no estudo das representações e, por isso, adota o termo “imaginário (sócio)discursivo” para se referir às maneiras de ver (discriminar e classificar) e de julgar (atribuir valor) o mundo. Sob esse prisma, as representações sociais reúnem saberes de conhecimento, classificações do mundo (taxionomias), e saberes de crença, relações axiológicas entre o homem e o mundo. Logo, nessa perspectiva, Sérgio Cabral não só é categorizado como “malfeitor” como recebe conotação negativa.

ii) A verbovisualidade e a subjetividade da instância de produção:

Não há, nesta manchete, expressões nominais que expressem, explicitamente, uma avaliação do jornal acerca dos objetos de discurso. A aproximação metafórica entre o ex-governador e o colonizador português é, entretanto, uma expressiva forma de orientar conclusões ou mesmo, segundo Van Dijk (2008, p. 243), uma forma de *manipulação da cognição* (ou *manipulação mental*), uma vez que, nesse processo de recategorização de Cabral como “bandido” e “explorador”, “a MLP [memória de longo prazo] armazena não apenas as experiências interpretadas subjetivamente, como os modelos mentais, mas também crenças compartilhadas socialmente de forma mais estável permanente e geral, às vezes chamadas de ‘representações sociais’”.

iii) Possíveis efeitos patêmicos gerados na instância de recepção:

No que tange ao fato noticiado, de um lado, a possibilidade (hoje, já confirmada) de o ex-governador ter recebido uma fortuna em propinas geraria, provavelmente, o efeito patêmico de DOR, nas figuras da “tristeza” e da “vergonha”, pela política brasileira; de outro, a ação da Polícia Federal, que descobriu os crimes de Cabral, poderia evocar a ALEGRIA, na figura da “satisfação”, pela observação de que, apesar do crime absurdo, a justiça será feita. Quanto aos personagens, em um polo, a figura do corrupto político suscitaria ANTI-PATIA e REPULSA, nas figuras da “indignação/denúncia” e do “desprezo”, respectivamente; e, em outro polo, a figura da benfeitora Polícia despertaria ATRAÇÃO, na figura da “admiração”, frente ao trabalho de investigação e de apreensão de artigos de luxo (como joias e lanchas) comprados, provavelmente, com as propinas recebidas mensalmente de empresas privadas (como as empreiteiras Andrade Gutierrez e Carioca Engenharia).

Manchete 2:

APESAR DA PODRIDÃO POLÍTICA, TEMER NÃO RENUNCIA

BRASIL, MOSTRA TUA CARA...



Figura 2: Manchete do Jornal *Meia Hora* de 19 de Maio de 2017

i) Identificação e interpretação das formas nominais referenciais e dos signos imagéticos:

Quanto às formas nominais referenciais:

No antetítulo, indica-se a temática central da manchete: a decisão de Temer em não renunciar, mesmo após terem sido divulgadas, em delação premiada, as gravações feitas por Joesley Batista que mostram a anuência do presidente na obstrução de investigações contra o dono da JBS. Ao dizer “tem que manter isso”, Michel Temer confessa(ria) atos de corrupção passiva e o recebimento de vantagens indevidas do grupo JBS. Tais crimes, somados ao esquema de corrupção e de lavagem de dinheiro planejado pelo governo e pelo setor privado, são, pois, categorizados como “prodidão política”. Essa expressão nominal remete, metaforicamente, à completa perda de senso moral e de honestidade e, ao mesmo tempo, caracteriza os envolvidos como “sujos” e “imorais”. Já no título, destaca-se o vocativo “Brasil”, referindo-se, metonimicamente, a toda a nação. Em seguida, em uma construção metafórica, a expressão “(mostra) tua cara” aponta “posicionamento” e/ou “revolta”. Portanto, a parcela verbal da manchete constrói-se por uma relação de causalidade e, paralelamente, pelo mecanismo

argumentativo: se o presidente, (co)autor da “podridão política”, não renuncia; o jornal incita o povo a levantar-se contra o governo.

Quanto aos signos imagéticos:

Destacamos, em primeiro lugar, o uso das cores vermelha (no fundo do antetítulo), branca (no fundo do quadrante central da manchete), preta (no título) e verde e amarela (na imagem central). Tais cores, pelo contraste que estabelecem entre si, individualizam-se, imputando contorno aos grafemas, às linhas que estruturam a manchete e à imagem central. Assim, a cor preta, utilizada nos grafemas que estruturam o título, confere, em sua relação com o fundo branco, maior destaque a essa parcela textual. E, de forma semelhante, utilizam-se, no antetítulo, fontes brancas sobre o fundo vermelho.

Além de conferirem destaque às parcelas verbais, as cores são:

responsáveis por organizar e hierarquizar informações ou lhes atribuir significado, seja na sua atuação individual e autônoma ou integrada e dependente de outros elementos do texto visual em que foi aplicada (formas, figuras, texturas, textos [leia-se “parcela verbal do texto], ou até mesmo sons e movimentos, como em produtos multimídia). (GUIMARÃES, 2003, p. 31)

Nessa perspectiva, se as expressões verbais são lidas de forma diacrônica [não simultânea], a oposição entre as cores e seus matizes pode definir o papel e a ordem na sequência da leitura. Em outras palavras, o uso das cores pode não só orientar a leitura da manchete como reforçar a estrutura desse gênero textual, que, tradicionalmente, é composto por: antetítulo (pequena frase de, no máximo, cinco ou sete palavras, cuja função é introduzir a notícia e o tema desta), título principal, o título auxiliar (ou subtítulo) e lide (que, não raro, apresenta-se como um subtítulo).

Quanto à dimensão simbólica das cores, Guimarães (2003, p. 41) destaca que os prováveis sentidos das *cores-informação*, assim como de qualquer semiose, emergem, dentre outros fatores, dos imaginários (sócio)discursivos, da situação concreta de comunicação e da relação entre esse recurso imagético e as diferentes expressões empregadas no (co)texto.

Nessa perspectiva, sublinhamos que o vermelho – correspondente a um comprimento de onda de, aproximadamente, 630 a 760 milimícrons e, por isso, no

limite de uma cor visível (cf. GUIMARÃES, 2002, p. 114) – é, essencialmente, um código primário de agressividade (física). Paralelamente, do ponto de vista mitológico, remete ao fogo (e, acrescentamos: à maçã do Jardim do Éden) – elementos proibidos e, também por isso, encantadores, cobiçados e danosos. Desse modo, o vermelho – tradicionalmente, símbolo da paixão e da violência – pode, na manchete em análise, reforçar a ganância e a violência da corrupção moral que impera(ria) no Governo Federal.

O preto, por ser, na tradição ocidental, representação da sobriedade e do luto, pode indicar não só a gravidade do delito cometido pelos (prováveis) criminosos como também a seriedade e a urgência de o povo rebelar-se contra o governo.

Por fim, nesta manchete, o verde e o amarelo (que, com recorrência, apontam, respectivamente, natureza-vigor-esperança e riqueza-otimismo, tal como na Bandeira Nacional) individualizam, ao contrário, excrementos e a própria representação da nação. O emoji – expressão de “origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), que nomeia “um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa”¹ – representa, imageticamente, a “cara” da nação verde-amarela, que não mais suporta(ria) “engolir” toda a “sujeira” política que lhe é imposta.

ii) A verbovisualidade e a subjetividade da instância de produção:

Nesta manchete, a parcialidade do jornal é evidenciada, sobretudo, pela expressão nominal “podridão política”, que caracteriza as ações do presidente Temer. As expressões visuais (cores e emoji) atuam, numa relação de complementariedade, como recursos de ampliação do conteúdo expresso pela parcela verbal. No entanto, cumpre ressaltar, igualmente, o caráter simbólico da imagem e da parcela verbal que constitui o título da manchete.

O emoji reforça o movimento denominado “Vomitação”. O protesto midiático consiste, desde maio de 2016, na publicação de milhares de emojis de vômito em postagens de Temer e/ou do PMDB em suas redes sociais. Tal expressão de repúdio, ampliando-se a outras mídias (como o *Facebook* e o *Twitter*), afirmou-se como uma ação de recusa veemente ao governo e ao discurso peemedebista e de extrema direita e,

¹ Cf. verbete “emoji” do site: <https://www.significados.com.br/emoji/>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

mais recentemente, consolidou-se por ocasião da delação premiada de Joesley Batista². Se se considerar, ainda, que, em 2016, “O Palácio do Planalto procurou o *Facebook* para saber como se livrar dos emojis de vômito, usados por manifestantes para protestar contra Michel Temer”³, a utilização desse emoji no jornal *Meia Hora* reforça a insatisfação popular frente a não-renúncia do presidente.

Paralelamente, o título da manchete estrutura-se, num movimento intertextual, a partir de um trecho da canção “Brasil”, de Cazuza, George Israel e Nilo Roméro. Composta em 1988, três anos após o fim da Ditadura Militar, a música-manifesto denuncia o não-cumprimento da Constituição Democrática. De forma análoga, a manchete em análise, pelo uso das reticências, faz ecoar os questionamentos “quem paga para a gente viver assim”, “Qual é o teu negócio?” e, sobretudo, “O nome do teu sócio?”, aludindo aos acordos milionários entre Temer e o empresário Joesley Batista. A julgar pelo número de “curtidas” (mais de 2200) dedicadas, na rede social do jornal *Meia Hora*, à manchete, a estratégia parece ter logrado êxito e, talvez por isso, tenha servido de inspiração, por exemplo, para a publicação do jornal *Estado de Minas* de 20 de novembro⁴.

iii) Possíveis efeitos patêmicos gerados na instância de recepção:

Em relação ao fato noticiado (“a podridão política”), suscita-se, muito provavelmente, a tópica da DOR, nas figuras da “tristeza” e da “vergonha” pela política nacional. Paralelamente, evocam-se, possivelmente, a tópica da ANTI-PATIA e da REPULSA por “Temer” e seus “comparsas”, nas figuras da “indignação” e da “aversão”, respectivamente.

... o que dizem as Letras:

O jornal *Meia Hora*, a fim de captar seu público-consumidor, simplifica seu discurso e, ao mesmo tempo, avalia os fatos noticiados. Nesse sentido, em manchetes políticas (tema, possivelmente, mais distante das classes C, D e E), o uso de metáforas

² Cf. reportagem “Internautas fazem 'vomitação' nas redes sociais de Temer”, disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/internautas-fazem-vomitaco-nas-redes-sociais-de-temer-21354704>.

Acesso em: 10 de outubro de 2017.

³ Cf. notícia “Temer contra o ‘vomitação’”, disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/brasil/temer-contra-o-vomitaco>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

⁴ Cf. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/05/20/interna_politica.870514/capa-do-em-inspirada-em-musica-de-cazuza-viraliza-nas-redes-sociais.shtml. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

representa não só uma forma de “facilitar” e/ou “inserir” o leitor nesse universo temático como também uma estratégia de persuasão/influência.

Quanto aos recursos verbovisuais, constatamos que: As expressões nominais referenciais são empregadas de forma a comunicar, tanto explícita quanto implicitamente, a avaliação do jornal em relação aos objetos de que trata. As fotografias, mais que uma mera reprodução da realidade ou ilustração dos fatos noticiados, operam não só como índices que pormenorizam/especificam as informações veiculadas pela parcela verbal, como também podem funcionar como símbolos. Na manipulação dos recursos visuais no processo de patemização, as cores e as fotografias podem, assim como certas expressões linguísticas, descrever/representar e/ou suscitar sentimentos e emoções, dadas suas tonalidades patêmicas. Os recursos verbais e visuais operam conjuntamente para a construção de efeitos discursivos, tais como: individualização e generalização de referentes; associação metafórica de elementos, a princípio, dissociados; evocação de efeitos patêmicos.

Pela exploração linguístico-visual-discursiva das duas manchetes selecionadas como *corpus*, observamos, no que se refere à relação forma/conteúdo, que, pelo processo de semiotização, a informação é transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais (cf. AMARAL, 2006), adaptando-se às normas mercadológicas de generalização, padronização e simplificação. E, na disputa política, os leitores-consumidores do jornal *Meia Hora* “compram” avaliações subjacentes às manchetes, que orientam a opinião pública.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

BIROLI, Flávia & MIGUEL, Luis Felipe. *Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. *Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual*. 2004. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>. Acesso em: 21 de Julho de 2016.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In.: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid. (orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

_____. *Discurso das mídias*. [tradução: Angela S. M. Corrêa]. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. [tradução: Renato de Mello]. In.: MENDES, E. & MACHADO, I.L. (orgs.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>. Acesso em: 03 de Julho de 2015.

_____. *Discurso político*. [tradução: Fabiana Komesu & Dílson Ferreira da Cruz]. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 2. ed. São Paulo: ANNABLUME editora, 2002.

_____. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: ANNABLUME editora, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In.: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria & BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. & CIULA, A. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Clássicos da Linguística).

MONNERAT, Rosane Santos Mauro. O que faz você feliz? Patemização e efeitos de sentido. In.: Cadernos do XVII Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos: Análise do discurso, linguística textual e pragmática. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/cnlf/01/17.pdf. Acesso em: 03 de Julho de 2015.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. [tradução: Pedrinho A. Guareschi]. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

VAN DIJK, Teun A. Discurso político e cognição política. In.: HOFFNAGEL, Judith & FALCONE, Karina. (orgs.). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

CRÉDITOS DAS IMAGENS:

Manchetes disponíveis no site do jornal *Meia Hora de Notícias*: <http://meiahora.ig.com.br/capas/>.